

A Correspondência entre Marx e Engels¹

Vladimir Ilitch Lênine
1913

Escrito em fins de 1913

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lênine
Edição em Português da Editorial Avante, 1984, t2, pp 123-129
Traduzido das O.Completas de VILênine 5ªEd. russo t.24, pp. 262-269

1 O artigo *A Correspondência entre Marx e Engels* constitui o início de um grande trabalho concebido por Lênine a propósito da publicação em Setembro de 1913, em alemão, da correspondência entre Marx e Engels em 4 tomos, sob o título *Der Briefwechsel zwischen Friedrich Engels und Karl Marx 1844 bis 1883*, herausgegeben von A. Babel und Ed. Bernstein. Vier Bände, Stuttgart 1913 (*Correspondência entre Friederich Engels e Karl Marx de 1844 a 1883*, editada por A. Bebel e Ed. Bernstein. Quatro tomos, Estugarda, 1913). Esta correspondência foi a primeira tentativa de reunir e publicar todas as cartas de Marx e Engels escritas um ao outro. Contudo, ela não foi apresentada na íntegra, tinha grandes reduções de texto, com insuficiente acompanhamento científico e informativo. Lênine estudou profundamente e compulsou escrupulosamente a correspondência. Pretendia-se publicar o trabalho *A Correspondência entre Marx e Engels* na revista *Prosveschénie* em 1914. Mas o artigo ficou incompleto e foi publicado no jornal *Pravda* só em 28 de Novembro de 1920, no dia do centenário do nascimento de F. Engels. A propósito dessa data, Lênine, ao preparar o artigo para publicação, acrescentou o subtítulo «Engels como um dos fundadores do comunismo», e juntou a seguinte nota: «Início de um artigo inacabado, escrito em 1913 ou princípio de 1914»

A edição há muito prometida da correspondência dos célebres fundadores do socialismo científico foi finalmente publicada. Engels legou a Bebel e a Bernstein a edição, e Bebel conseguiu pouco antes de morrer terminar a sua parte do trabalho de redacção.

A correspondência entre Marx e Engels, publicada há algumas semanas em Estugarda por Dietz, constitui quatro grandes volumes. Neles estão contidas um total de 1386 cartas de Marx e Engels no enorme período que vai de 1844 a 1883.

O trabalho de redacção, isto é, a elaboração dos prefácios à correspondência dos diferentes períodos, foi feito por Ed. Bernstein. Como era de esperar, esse trabalho é insatisfatório tanto no aspecto técnico como ideológico. Bernstein não poderia encarregar-se - depois da sua tristemente célebre «evolução» para concepções de extremo oportunismo - da redacção de cartas impregnadas numa ponta à outra de espírito revolucionário. Os prefácios de Bernstein são em parte desprovidos de conteúdo, em parte directamente falsos - por exemplo, quando, em vez da caracterização precisa, clara, directa, dos erros oportunistas de Lassalle e Schweitzer desmascarados por Marx e Engels, encontramos frases ecléticas e ataques do tipo «Marx e Engels nem sempre tiveram razão contra Lassalle» (t. III, p. XVIII) ou eles «estavam mais próximos» quanto à tática de Schweitzer do que de Liebknecht (t. IV, p. X). Não há nesses ataques outro conteúdo além do desejo de esconder e retocar o oportunismo. Infelizmente, a atitude eclética em relação à luta de Marx contra muitos dos seus adversários difunde-se cada vez mais fortemente entre a social-democracia alemã contemporânea.

No aspecto técnico, o índice, um só para os quatro volumes, está elaborado de maneira insatisfatória (por exemplo, são omitidos os nomes de Kautsky e Stirling); as notas a determinadas cartas são demasiado exíguas e perdidas nos prefácios do redactor em vez de serem colocadas ao lado das cartas correspondentes, como fez Sorge, etc.

A correspondência foi editada a um preço excessivamente elevado - cerca de 20 rublos para os quatro tomos. Não há dúvida de que se pode e se deve editar a correspondência completa de maneira menos luxuosa e a um preço mais acessível, e além disso publicar - para ampla difusão entre os operários - excertos das passagens mais importantes do ponto de vista dos princípios.

Todos esses defeitos da edição dificultam, naturalmente, o acesso ao conhecimento da correspondência. É pena, porque a sua importância científica e política é enorme. Não é apenas que Marx e Engels se erguem aqui perante o leitor em toda a sua estatura com um relevo particular. O riquíssimo conteúdo teórico do marxismo apresenta-se com extrema clareza, pois Marx e Engels voltam repetidamente nas cartas aos mais diversos aspectos da sua doutrina, sublinhando e esclarecendo - por vezes discutindo em conjunto e persuadindo-se um ao outro - o que era mais novo (em relação às concepções anteriores), mais importante e mais difícil.

Perante o leitor desenrola-se de uma maneira espantosamente viva a história do movimento operário de todo o mundo - nos momentos mais importantes e nos pontos mais essenciais. Mais valiosa ainda é a história da **política** da classe operária. Com os mais diversos motivos, em diferentes países do velho mundo e no novo mundo, em diversos momentos históricos, Marx e Engels discutem os mais importantes pontos de princípio relativamente à maneira de **colocar** as questões das tarefas **políticas** da classe operária. E a época abrangida pela correspondência é precisamente a época da separação da classe operária da democracia burguesa, a época do nascimento do movimento operário independente, a época da definição das bases da tática e da política proletárias. Quanto mais frequentemente temos ocasião de observar no nosso tempo como o movimento operário de diferentes países sofre com o oportunismo em consequência da estagnação e da putrefacção da burguesia, em consequência da absorção da atenção dos dirigentes operários pelas ninharias do dia, etc., mais precioso é o riquíssimo material da correspondência, que mostra a profundíssima

compreensão dos objectivos transformadores **radicais** do proletariado e a definição invulgarmente flexível das tarefas táticas do momento do ponto de vista desses objectivos revolucionários e sem a mínima concessão ao oportunismo ou à fraseologia revolucionária.

Se tentarmos definir numa palavra, por assim dizer, o fulcro de toda a correspondência, esse ponto central a que se reduz toda a rede de ideias expressas e discutidas, essa palavra será a **dialéctica**. A aplicação da dialéctica materialista à transformação de toda a economia política desde os seus fundamentos, à história, às ciências da natureza, à filosofia, à política e à tática da classe operária - é isto o que mais que tudo interessa Marx e Engels, é nisto que eles contribuem com o que é mais essencial e novo, é nisto que consiste o seu genial passo em frente na história do pensamento revolucionário.

Na exposição que se segue desejamos, depois de uma panorâmica geral da correspondência, fazer um esboço das mais importantes observações e considerações de Marx e Engels, sem de modo nenhum pretender esgotar todo o conteúdo das cartas.

I. PANORÂMICA GERAL

Abrem a correspondência as cartas escritas por Engels, então com 24 anos, a Marx em 1844. A situação então existente na Alemanha surge com notável relevo. A primeira carta situa-se em fins de Setembro de 1844 e é enviada de Barmen, onde vivia a família de Engels e onde ele nasceu. Engels ainda não tinha então 24 anos completos. Aborrecia-se no meio familiar e aspirava afastar-se. O pai é um déspota, um industrial beato, indignado com as andanças do filho pelas reuniões políticas e com as suas convicções comunistas. Se não fosse a minha mãe, que muito amo, escreve Engels, não suportaria nem os poucos dias que restam até à minha partida. Não podes imaginar - queixa-se ele a Marx - as considerações mesquinhas, os receios supersticiosos invocados aqui, pela família, contra a minha partida.

Enquanto Engels está em Barmen - onde uma história de amor o reteve ainda algum tempo - cede ao pai e durante duas semanas vai trabalhar para o escritório da fábrica (o seu pai era industrial). «O negócio é demasiado execrável», escreve ele a Marx, «Barmen é demasiado execrável, o gastar de tempo é demasiado execrável e, particularmente, é demasiado execrável permanecer não apenas burguês, mas ainda por cima fabricante, um burguês que se eleva activamente contra o proletariado.» Conforto-me a mim próprio - continua Engels - trabalhando no meu livrinho acerca da situação da classe operária (este livro foi publicado, como se sabe, em 1845 e é uma das melhores obras na literatura socialista mundial). «E, embora comunista, pode ser-se, segundo a postura exterior, burguês e besta [de carga] do negócio, se **não se escrever**; mas ocupar-se de propaganda comunista em grande e, ao mesmo tempo, de negócio e indústria, isso não dá. [...] Vou-me embora. Para mais, a vida embrutecedora numa família totalmente radical-cristã-prussiana já não dá mais; com o tempo, eu poderia tornar-me um filisteu alemão e trazer o filistério para dentro do comunismo.» Assim escrevia o jovem Engels. Depois da revolução de 1848, a vida forçou-o a regressar ao escritório do pai e a tornar-se por longos anos «besta [de carga] do negócio», mas ele soube resistir a isso, criar para si não uma situação prusso-cristã, mas uma situação completamente diferente de camaradagem, soube tornar-se para toda a vida um inimigo impiedoso do «trazer do filistério para dentro do comunismo».

A vida social na província alemã em 1844 era semelhante à vida russa do princípio do século XX, antes da revolução de 1905. Tudo aspira à política, tudo ferve de oposição indignada contra o governo, os pastores repreendem a juventude por ateísmo, os filhos das famílias burguesas fazem cenas aos pais pela sua «atitude aristocrática para com os criados ou os operários».

A oposição geral exprime-se no facto de que todos se declaram comunistas. «Em Barmen, o comissário da polícia é comunista», escreve Engels a Marx. Estive em Colónia, Dusseldorf, Elberfeld - por toda a parte, a cada passo encontramos comunistas! «Um comunista furioso, desenhador de caricaturas e jovem pintor histórico, de nome Seel, vai dentro de dois meses para Paris; dirigir-vo-lo-ei; o tipo agrada-vos-á pela sua essência entusiástica, pela sua pintura e gosto pela música, e é muito bom para usar como caricaturista.»

«Aqui em Elberfeld acontecem coisas miraculosas. Ontem (escrito em 22 de Fevereiro de 1845), na maior sala e primeiro restaurante da cidade, tivemos a nossa terceira reunião comunista. A primeira com 40, a segunda 130, a terceira com pelo menos 200 pessoas. Todo Elberfeld e Barmen, desde a aristocracia do dinheiro até aos pequenos lojistas, estava representado, com excepção apenas do proletariado.»

Assim escreve literalmente Engels. Na Alemanha todos eram então comunistas, com excepção do proletariado. O comunismo era uma forma de expressão do espírito de oposição para todos, e principalmente para a burguesia. «O povo mais estúpido, mais indolente, mais filisteu, que não se interessava por nada no mundo, começa quase a apaixonar-se pelo comunismo.» Os principais pregadores do comunismo eram então pessoas do tipo dos nossos populistas, «socialistas-revolucionários», «socialistas populares», etc., isto é, no fundo burgueses bem intencionados, mais ou menos enfurecidos contra o governo.

E numa tal situação, entre uma quantidade imensa de orientações e fracções pretensamente socialistas, Engels soube abrir caminho para o socialismo **proletário**, não receando romper com uma massa de boas pessoas, ardorosos revolucionários, mas maus comunistas.

1846. Engels está em Paris. Paris fervilhava então de política e de discussão das diferentes teorias socialistas. Engels estuda avidamente o socialismo, conhece pessoalmente Cabet, Louis Blanc e outros destacados socialistas, corre as redacções e os círculos.

A sua principal atenção dirige-se para a doutrina socialista mais séria e mais difundida de então, o proudhonismo². E mesmo **antes** da publicação da *Filosofia da Miséria* de Proudhon (Outubro de 1846; a resposta de Marx - a célebre *Miséria da Filosofia* - saiu em 1847) Engels critica com um sarcasmo impiedoso e uma notável profundidade as ideias fundamentais de Proudhon, então particularmente seguidas pelo socialista alemão Grün. Um excelente conhecimento da língua inglesa (que Marx adquirirá muito mais tarde) e da literatura inglesa permite a Engels apontar imediatamente (carta de 16 de Setembro de 1846) os exemplos da falência em Inglaterra dos famigerados «bazares do trabalho» proudhonianos. Proudhon **desonra** o socialismo, indigna-se Engels, segundo Proudhon os operários deveriam **resgatar** o capital!

2 **Proudhonismo:** corrente pequeno-burguesa adversária do marxismo, designada pelo nome do seu ideólogo, o anarquista francês Proudhon. Criticando a grande produção capitalista, Proudhon e os seus adeptos pugnavam pela eternização da pequena produção. Proudhon propunha a criação de um «banco popular» especial que, com a ajuda do «crédito gratuito», ajudaria os operários a estabelecer-se com os seus próprios meios de produção e a tornarem-se artesãos. Idêntico carácter reaccionário tinha a utopia de Proudhon sobre a criação de «bancos de troca» especiais, através dos quais os trabalhadores pretensamente assegurariam uma venda «justa» dos produtos do seu trabalho sem afectar ao mesmo tempo a propriedade capitalista dos instrumentos e meios de produção. Recusando a luta política, os partidos políticos, os sindicatos, as greves, os proudhonistas apresentavam projectos utópicos de liquidação da exploração através da criação de cooperativas de produção, de crédito e de consumo e de liquidação pacífica do Estado. O proudhonismo foi submetido a uma crítica implacável na obra de K. Marx *Miséria da Filosofia*. A luta decidida de Marx e Engels e dos seus partidários contra o proudhonismo na I Internacional terminou com a completa vitória do marxismo.

Engels, então com 26 anos, aniquila redondamente o «socialismo verdadeiro» - esta expressão encontramos-na na sua carta de 23 de Outubro de 1846, muito antes do *Manifesto Comunista* - apontando além disso Grün como seu principal representante. Doutrina «antiproletária, pequeno-burguesa, filistina», «frases beletristas e pequeno-burguesas indeterminadas», diversas aspirações «de todos os homens», «medo supersticioso do comunismo "grosseiro"» (*Löffel-Kommunismus* - literalmente: «comunismo da colher» ou comunismo da comezaina), «planos pacíficos para dar felicidade» à humanidade - tais são as opiniões de Engels, que se aplicam a **todas** as espécies de socialismo anteriores a Marx.

«Sobre o plano de Associação proudhoniana, discutiu-se três noites», escreve Engels. «A princípio tive quase a clique toda contra mim. [...] O principal foi, então, demonstrar necessidade da revolução violenta» (23 de Outubro de 1846). Finalmente fiquei furioso e persegui os meus adversários até que eles se viram forçados a pronunciar-se abertamente contra o comunismo. Exigi uma votação sobre a questão de saber se nós éramos ou não comunistas. Grande foi a indignação dos grüianos, que começaram a afirmar que se haviam reunido para discutir o «bem da humanidade» e que era necessário saber **o que é precisamente** o comunismo. Dei-lhes então a mais simples definição, a fim de não permitir que eludissem o fundo da questão. «Defini, portanto», escreve Engels, «as intenções dos comunistas assim: 1) impor os interesses dos proletários em oposição aos dos burgueses; 2) fazê-lo através da supressão da propriedade privada e sua substituição pela comunidade dos bens; 3) não reconhecer nenhum outro meio para a realização destas intenções que não a revolução democrática, violenta» (escrito ano e meio antes da revolução de 1848).

A discussão terminou com a aceitação pela reunião, por 13 votos contra 2 grüianos, da definição de Engels. Cerca de 20 marceneiros artesãos frequentavam essas reuniões. Assim, em Paris, há 67 anos, assentavam-se as bases do partido operário social-democrata da Alemanha.

Um ano mais tarde, numa carta de 24 de Novembro de 1847, Engels informa Marx de que escrevera o rascunho do *Manifesto Comunista*, declarando-se, entre outras coisas, contra a forma de catecismo anteriormente encarada. «Começo», escreve Engels, «[perguntando]: o que é o comunismo? e, depois, logo o proletariado - génese, diferença relativamente aos trabalhadores anteriores, desenvolvimento da oposição entre o proletariado e a burguesia, crises, consequências.» «Finalmente, a política de partido dos comunistas.»

Esta carta histórica de Engels sobre o primeiro rascunho de uma obra que percorreu o mundo e que até hoje continua justa em tudo o que é fundamental, viva e actual, como se tivesse sido escrita ontem, mostra claramente que é com toda a justiça que os nomes de Marx e Engels figuram lado a lado como os nomes dos fundadores do socialismo contemporâneo.